

RELIGIÃO E ROMANCE PORTUGUÊS: ENTRE O REAL E O SOBRENATURAL¹

Marivaldo Batista de Souza²

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Literatura; Sátira, Opressão.

Introdução

Falar sobre religião não é uma tarefa fácil, por se tratar de um tema polêmico, pois lida com a fé do ser humano. e falar de religião e literatura torna essa tarefa mais difícil.

A crítica feita pelos escritores ao cristianismo, algo deturpado por fatores individual-biográficos, as visões de mundo de cada um deles, ecléticas, e a compreensão de religião que aí se apresenta, subjetiva. E refutará todas essas coisas na melhor das hipóteses, permitirá que a religião dos escritores tenha alguma validade como “negativo”, em contraste com o qual pode surgir de maneira ainda mais cabal a verdade da revelação divina em Jesus Cristo. (KUSCHEL, 1999, p.p. 218-219).

Abordando a representação do elemento religioso em dois romances da Literatura Portuguesa, buscamos, à luz de exemplos pontuais, demonstrar possibilidades de representação da Igreja Católica no contexto português dos séculos 19 e 20. *A Relíquia*, de Eça de Queirós, e *Manhã Submersa*, de Vergílio Ferreira, são os objetos de nossos comentários. Nas considerações, verificamos o potencial interpretativo das obras em face do suposto projeto literário que os autores encamparam por meio das respectivas narrativas.

O tema religião está presente na Literatura Portuguesa desde o Trovadorismo, na Idade Média. As cantigas de escárnio e maldizer são exemplos dessa presença, quando se satiriza, em mais de um momento, a figura do religioso. Um exemplo é a cantiga de Pedro Amigo de Sevilha intitulada "Um cavaleiro, fi'de clerigom,», em que satiriza tanto a nobreza quanto o clero (SEVILHA, 2021.) Além das cantigas de escárnio e maldizer, há também a presença

¹ Trabalho apresentado na disciplina TCC, da Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (2020.1).

² Graduando na Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

das cantigas de Santa Maria, se se pensar no contexto da Península Ibérica. A Igreja Católica ditava as regras na sociedade da época. E são atribuídas à Virgem Maria algumas intervenções do reinado de Afonso X. Por conta disso, algumas cantigas foram escritas para exaltar a Virgem.

No séc. 16, com o surgimento do Protestantismo, a Igreja Católica vai perdendo sua influência em vários contextos da Europa, mas não em Portugal. O homem, mesmo que não na sua totalidade, se desprende do divino — é como tivesse mordido a maçã no Jardim do Éden.

Nas obras *A Relíquia* (1887), de Eça de Queirós, e *Manhã Submersa* (1954), de Vergílio Ferreira, a religião é representada, mas com consideráveis distinções se comparadas as duas narrativas. Eça segue para uma sátira, até certo ponto grosseira, fugindo um pouco do realismo; e Vergílio assume um tom crítico, em que a realidade é atravessada por questões existenciais profundas. No que diz respeito à representação ficcional — com vistas à observação das obras —, levamos em consideração Antonio Candido (2010, p. 63), que assinala a

transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração.

José Maria de Eça de Queirós foi um autor português, nascido em 25 de novembro de 1845 no norte de Portugal, na cidade de Póvoa do Varzim. Filho de pai brasileiro e mãe portuguesa, viveu parte de sua infância com os avós paternos. Além de escritor, exerceu os ofícios de jornalista e advogado.

Em suas obras, principalmente as da chamada fase realista, fazia críticas à sociedade de seu país e, em particular, ao clero. *O Crime de Padre Amaro* é o primeiro romance do autor e, dentro do Realismo, já traz essas marcas, em *A Relíquia*, além das críticas sociais, Eça envereda pela análise psicológica.

Vergílio Ferreira premiado autor português, nasceu em Melo, Serra da Estrela, em 1916; suas obras, devido a influências do existencialismo, dos clássicos e do neorrealismo suas obras ganharam originalidade. Em 1992, recebeu o prêmio Camões, prêmio esse atribuído por um júri luso-brasileiro.

Resumo das Obras e Análise

A obra **A Relíquia** relata as memórias do jovem Teodorico Raposo, que, para ter direito à herança de sua tia, Maria do Patrocínio, ou Titi, uma religiosa fervorosa que acreditava na religiosidade do sobrinho, decidiu aceitar uma viagem à Terra Santa. O propósito era trazer uma relíquia e provar à sua tia que realmente era um católico veemente. Antes de chegar finalmente à Terra Santa, Teodorico encontra um homem de origem alemã chamado Topsius, um historiador, e Miss Mary, com quem vive uma tórrida paixão e que terá uma importância vital para que Teodorico seja desmascarado, mesmo que involuntariamente.

Nessa obra, em que realismo e transcendente se encontram, é possível identificar uma sátira crítica, pois Eça, em alguns momentos, faz uso de paráfrases de textos bíblicos — principalmente no capítulo III, em que Teodorico narra, dentro das suas perspectivas, a via-crúcis de Cristo, colocando-se no lugar do próprio. Há o diálogo, aqui, com a **Bíblia Sagrada**, Evangelho de Marcos capítulo 15.

Em sua dissertação de mestrado, Maria Tereza Carvalho pontua sobre como Eça foge um pouco do realismo nesse romance, adentrando no fantástico; “...é bem verdade que tudo não passa de um sonho, mas este sonho apresenta muitas diferenças em relação àqueles que encontramos em romances rigidamente realistas.” (CARVALHO, 1995, p. 19.) Veja-se um trecho da narrativa ficcional que corrobora essa percepção:

Caminhando ao meu lado, Eliezer de Silo, cortês e suave, perguntou-me se era remota minha pátria e perigosos seus caminhos...

Eu rosnei, vaga e recatadamente:

— Sim...Chegamos de Jericó.

— Boa, por lá, a colheita do bálsamo?

— Rica! Afiancei, com calor. Louvado seja o eterno, que neste seu ano de graça estamos lá abarrotadinhos de bálsamos!

Ele pareceu regozijado. E revelou-me então que era um dos médicos que residem no Templo – onde os sacerdotes e sacrificadores sofrem perenemente de “dissabores intestinais”, por pisarem suados e descalços as lajes frias dos Adros.

— Por isso — murmurou ele com uma faísca alegre no olho benigno — o povo em Sião nos chama de doutores da tripa!

Torci-me de riso, de gozo, com aquela jocosidade assim sussurrada na austera morada do Eterno...Depois, recordando os meus dissabores intestinais em Jericó, por muito amar os divinos e pérfidos melões da Síria — perguntei ao amável físico se nessas ocorrências ele preconizava o bismuto...

O homem magistral abanou cautamente a sua mitra bojuda. Depois espetando um dedo no ar, segredou-me esta receita incomparável:

— Tomai uma goma de Alexandria, açafão de jardim, uma cebola da Pérsia e vinho negro de Emaús...Misturai, cozei...Deixai esfriar num vaso de prata...colocai-vos numa encruzilhada ao nascer do sol..." (QUEIROZ, 1945, p. 219-220).

A sátira tem como característica uma carga de ironia e sarcasmo, por isso esse estilo literário se aproxima da comédia. Os usos da ironia, do humor e da fantasia devido ao olhar rigoroso de Eça sobre o mundo, de desencanto e frio, são características nesse realismo apresentado nas suas obras.

Manhã Submersa retrata a vida em um seminário onde habitam jovens que, em grande parte, lá estão não por escolha própria, mas de suas famílias, que, por serem pobres, veem a chance de, em os meninos tornando-se padres, desfrutar de uma vida melhor. É uma narrativa autodiegética em retrospectiva, que relata a vida Antônio Lopes (o Borrvalho). O seminário é localizado num casarão pobre, frio com janelas rasgadas. No rés-do-chão, estavam a cozinha, o refeitório e as salas de estudo com as canteiras, o púlpito de vigilância e um olho na porta. No primeiro andar, encontravam-se as camaratas, a capela e a enfermaria. Antônio e os outros jovens, dentre eles Gama, viviam sobre a tutela, austera, da moral cristã, onde seus anseios e desejos eram sublimados.

Sentámo-nos numa cova, frente ao sol, defendidos do vento e das nossas lembranças. Foi quando o Gama, na intimidade daquele conforto, me perguntou um pouco a medo:

— Ó Lopes! Você... Você gosta de andar no Seminário?

Tremi. Por muito que eu estimasse o Gama, por maior que fosse a minha confiança nele, a resposta que eu desse era agora, desde a conversa com o Reitor, do tamanho da minha vida. Por isso eu me calei um instante, calculando a distância que ia do que eu dissesse até à face inteirado meu amigo. E, receoso, respondi: — Não, Gama, não gosto nada do Seminário. Nem eu — clamou ele logo, num desaforo. Mas, subitamente triste, declarou que a mãe dele o queria fazer padre — era assim. — Agora vou tentar outra vez. Vou lhe dizer que não tenho vocação. (FERREIRA, [s.d.], p. 47.)

Neste diálogo entre Antônio Lopes e seu amigo, fica clara a influência da família na sua ida ao seminário, pois, além de sua mãe, outra personagem teve papel importante, D. Estefânia, uma cristã devota e rica. Vergílio faz uma abordagem sobre a educação repressiva a qual esses jovens eram submetidos e, por não terem vocação ao sacerdócio, sofriam pelas escolhas feitas por suas famílias e quando as férias chegavam era como estivessem livres de uma prisão.

Temas como amizade, amor, miséria e desigualdades sociais também são abordados na obra, bem como a crítica ao clero e de como esse demonstrava sua força na camada mais alta da sociedade, bem como Eça mostrara em sua sátira.

Considerações Finais

O autor, ao criar sua obra, não tem como assegurar a maneira como o leitor irá interpretá-la. Para a leitura de alguns textos ficcionais, muito da interpretação depende de o leitor possuir ou não um certo conhecimento empírico, a fim de entender o que o autor expressa.

Sabemos que para definir o perfil de uma personagem se deve jogar simultaneamente com dois registros fundamentais: o extra e o intertextual. O conhecimento empírico que o leitor eventualmente possa ter de figuras com características afins pode ajudar a estabelecer o tipo que o autor quer evidenciar, não criando estranheza ou repulsa. (MARINHO, 2005).

Nas obras de Eça e de Vergílio, observamos duas óticas diferentes sobre a religião, com Eça enveredando para um caminho crítico entre relações humanas e, no meio delas, a religião, que transita entre o real e o ilusório, sendo até pitoresco. Vale perceber que essa pitada de humor de Eça deixa a leitura com uma atmosfera mais leve, contudo, para um leitor que não possua um conhecimento empírico que possa traduzir os signos e absorver o que o autor expressa na sua obra, a distinção entre as esferas do real e do transcendente não se patenteia, o que pode enfraquecer o caráter da crítica elaborada pelo autor. E a literatura, por se tratar de uma arte, tem esse poder de pôr em dúvida o real do ilusório.

Em contrapartida, Vergílio Ferreira, também por ter vivido seis anos de sua vida em um seminário, retrata de forma mais real a religião em sua obra, **Manhã Submersa**. E não deixa de tecer críticas à alta sociedade e de como a mesma oprimia os menos favorecidos sobre a proteção do clero. As obras trazem, cada uma à sua maneira, a separação entre o homem e o divino. Podemos, de certa maneira, trazer a discussão de Cristian José de Oliveira Santos para a realidade portuguesa e para o que expusemos:

A natureza acusadora do discurso anticlerical levará o escritor a explorar, sem reservas, as imagens constitutivas do capital simbólico religioso. Por outro lado, a acusação é balizada pela apresentação de um novo sistema axiológico. Propor-se-á ao leitor um novo *modus vivendi*, uma possibilidade inovadora e plausível de configurar sua pessoa à modernidade. (SANTOS, 2014, p. 82.)

Os valores individuais do leitor interferirão na sua interpretação; no entanto, o escritor, por possuir essa liberdade de se expressar, proporá a esse leitor uma adequação à sua configuração de interpretação.

Referências

CARVALHO, Maria Tereza. **Literatura e Religião**: três momentos de aproveitamento do Novo Testamento na literatura portuguesa. Campinas, (s.n), 1995.
FERREIRA, Vergílio. **Manhã Submersa**. Mem Martins: Europa-América, [s.d.].
KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras. Retratos Teológico-literários**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARINHO, Maria de Fátima. Padres e Frades: de malditos a corruptos. **Revista de Faculdade de Letras** — línguas e literaturas, Porto, 2. s., v. 22, p. 221-234, 2005.

QUEIROZ, Eça de. **A Relíquia**. Porto: Lello & Irmão, 1945.

SALLES, Juliana Rodrigues. Intertextualidade em Eça de Queirós: muito além das releituras e recortes de obras outras, um processo de criação e amadurecimento. **Letras em Revista**, Teresina, v. 6, n. 1, jan-jun, 2015.

SANTOS, Cristian José Oliveira. **Devotos e Devassos**: representação dos Padres e Beatas na Literatura Anticlerical Brasileira São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 2014.

SEVILHA, P. A. de. **Um cavaleiro, fi'de clerigom**,. Disponível em <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1693&tr=4&pv=sim>. Acesso em 18.6.2021.

SHEDD, Russel P. **Bíblia Shedd**: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo, Vida Nova, 1998